

MATERNIDADES ATÍPICAS E SOLO: desafios e estratégias de assistentes sociais no CRAS União em Parintins-Am no atendimento às mães de filhos/as com deficiências

Ruth Jussara Camarão Gomes[1]
Greyssy Kelly Araujo de Souza[2]
Adelson da Costa Fernando [3]

RESUMO

Este estudo reflete sobre desafios enfrentados por assistentes sociais no âmbito do atendimento às mães solo de crianças com deficiência no CRAS União em Parintins-AM, bem como estratégias desenvolvidas para garantir um atendimento avançado a este público. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseou-se em entrevistas semiestruturadas com assistentes sociais do CRAS realizadas por Gomes (2023). Os resultados evidenciaram a sobrecarga dessas mães e a necessidade de políticas públicas efetivas. Além disso, destacamos o papel do assistente social na construção de estratégias de enfrentamento que assegurem o acesso aos direitos e a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Maternidades atípicas e solo; Família monoparental; CRAS; Parintins. Amazonas

INTRODUÇÃO

O sexo feminino é historicamente associado como frágil, enquanto o "modelo" patriarcal do homem é o da força, colocando sobre este o poder e domínio. No âmbito social, são as mulheres que majoritariamente tomam para si a sobrecarga de responsabilidade da família, renunciam a compromissos profissionais e até pessoais com a prioridade do cuidado, em especial no ato de cuidar dos seus filhos/as.

O paradigma do patriarcado está enraizado em nossa sociedade, assim se "naturaliza" aquilo é tido como "típico" feminino ou masculino e, por conseguinte, reforçam a ideia de que a maternidade é inerente à identidade feminina, desconsiderando as múltiplas formas de experienciar a maternagem e

[1] Bacharel em Serviço Social (ICSEZ/UFAM). Graduanda de Letras pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). ruth.jussara18@gmail.com
[2] Assistente Social e Doutora em Educação (UFRJ). Docente Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). greyssyaraujo@unilab.edu.br
[3] Sociólogo e Doutor em Ciências da Religião (PUC/GO). Pós-Doutorando PPGJor/UEPG/PR. Docente Adjunto do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). acostaf@ufam.edu.br

invisibilizando as dificuldades enfrentadas, especialmente das que criam sozinhas filhos/as com deficiência.

O termo “mãe solteira”, como eram conhecidas as mães-solo, carrega um forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX, em que a mulher – sobretudo a mulher casada – possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido (Borges, 2020, p.1). Por outro lado, o termo mãe solo corresponde às mulheres que exercem o papel no cuidado aos filhos de maneira solitária, haja vista que essa característica solitária não corresponde exclusivamente às mães solteiras fora de uma relação, no qual, mesmo tendo um cônjuge não tem o amparo dele na divisão das tarefas, ficando para essa mulher a sobrecarga em cuidar do lar e dos filhos. Soma-se a isso que os filhos com deficiências demandam cuidados específicos e afeto familiar, e a construção de uma rede sólida de apoio para essas mães.

Nesta direção, o presente artigo busca visibilizar a temática e a necessidade dos profissionais de Serviço Social busquem o aprimoramento de sua formação técnica para o desenvolvimento de ações estratégicas para que possam atender com qualidade e consolidar o compromisso com o Projeto Ético-Político, na garantia do acesso aos direitos por parte das mães e de seus filhos.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A família monoparental é um conceito concernente a uma mãe ou pai solo com filhos dependentes. Esse conceito foi reconhecido como um direito pela Constituição Federal Brasileira de 1988, embora sempre tenha existido no âmbito social (Babiuk, 2015). Diante dos diversos fatores determinantes da formação da família monoparental, destaca-se a categoria de “mãe solo”. Nesse sentido, a maioria das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres, sendo estas muitas das vezes as mais vulneráveis devido a condição socioeconômica, na provisão de víveres e assistência prestada aos filhos.

Em decorrência das modificações na estrutura familiar, é possível compreender que as relações não seguem um modelo padrão de família, em virtude de o patriarcado ter inserido em nossa sociedade um modelo de família

apontado como espelho, a chamada família tradicional, chefiada por um homem que tem a responsabilidade de adquirir o alimento e zelar pelos filhos e esposa. Atualmente, esse modelo patriarcal já não é o único modelo presente na sociedade.

Atualmente, no Brasil as mulheres compõem o maior percentual da população, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); paralelo a ela, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2021 aponta que a população brasileira é composta por 48,9% de homens e 51,1% de mulheres. Nesse sentido, a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, mostra que o Brasil tem aproximadamente 11 milhões de mães que criam filhos sozinhas. Na última década, o país ganhou 1,7 milhão de mães com a responsabilidade de criarem os filhos sem a ajuda do pai" (IBGE, 2023).

O termo "mãe solo" diz respeito às mulheres que, casadas ou não, ainda assim exercem o papel da maternidade de maneira solitária, assumem todas as responsabilidades e atribuições no cuidado com seus filhos, tanto nas questões envolvendo afeto, quanto naquelas que envolvem as finanças em uma família monoparental (Borges, 2020).

A figura da "mãe atípica"[4], termo emergente na contemporaneidade, traz à tona a pluralidade e diversidade de experiências maternas, rompendo com os estereótipos tradicionais e homogêneos de maternidade" (Jesus, 2023, p.8). A maternidade não deve ser romantizada, bem como pontua a autora que "a maternidade, por si só, é uma jornada repleta de nuances e peculiaridades que desafiam as convenções estabelecidas". Assim, as maternidades "atípicas" designam as mães de pessoas neuroatípicas, em especial, aquelas diagnosticadas autistas, e as "solos" como a experiência daquelas que possuem a responsabilidade exclusiva pelo provimento e cuidados diários de seus filhos e filhas (Tambara e Furlanetto, 2022, p. 1).

Quando se tem uma criança com deficiência o cuidado é dobrado, porque isso faz parte do instinto materno; a mãe se doa totalmente aquele filho e essa

[4] Mãe atípica solo é um termo usado para descrever mães que cuidam de crianças com deficiência ou com necessidades médicas sozinha. (Tambara e Furlanetto, 2022, p. 5).

sobrecarga também pode contribuir para o adoecimento físico e mental dessa mãe. Com base na discussão realizada, é possível compreender que o cuidado sempre recai sobre a mãe seja solo ou atípica, é uma luta diária para garantir que o filho tenha os direitos básicos assegurados, e uma realidade presente em nossa sociedade[5].

O Centro de Referência da Assistência Social (CRAS/União) onde ocorreu a pesquisa realizada por Gomes (2023) está situado na cidade de Parintins, no interior do Amazonas. Os serviços que compõem a assistência social no atendimento prestados a essas mães são o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), bem como as ações de acolhimento, oficinas, ações comunitárias e particularizadas com as famílias atendidas pelo socioassistencial.

RESULTADOS

Com base nos dados apresentados por Gomes (2023), os principais dados demonstram que as mães solo de crianças com deficiência enfrentam múltiplas dificuldades no acesso aos serviços socioassistenciais, sendo impactadas por uma sobrecarga emocional, financeira e social.

Neste sentido, sobre as mães a pesquisa de Gomes indica que:

1. **Sobre o perfil das mães atendidas** pelo CRAS União em Parintins-AM em 2023, identificamos que tratavam-se de mulheres de classe baixa, e muitas dependiam do Benefício de Prestação Continuada e do Bolsa Família, por ser sua única fonte de renda. No entanto, é um valor ínfimo, em comparação aos gastos com alimentação, remédios, dentre outros gastos quando se tem uma família numerosa;
2. **As mães solos e atípicas vivenciam experiências desafiadoras,** para além das questões materiais impostas pela pobreza, den destacamos nas falas das profissionais sobre as mães que chegam para ser atendidas o fato do o abandono e/ou a ausência do pai da criança ocasiona a falta de afeto, cuidado, proteção, ocasionando um trauma

[5] Entrelaçadas às maternidades atípica e solo está a "vivência dessas mulheres, em conjunto com seus filhos/suas filhas, dos enfrentamentos diários às barreiras de acessibilidade que a sociedade às impõe, configurando-se como experiências de discriminação e preconceito que as coloca em uma importante situação de insegurança psicológica, social e econômica, tendo, como resultado, um correspondente aumento de casos de estresse, adoecimento e morte precoce entre essas mulheres" (Tambara e Furlanetto, 2022, p. 5).

afetivo na vida criança. Tendo em vista, o abandono e rejeição que o indivíduo leva para si ao longo da vida. Na fala das assistentes sociais é possível observar que elas buscam trabalhar a família, de mostra que as usuárias não estão sozinhas e que no CRAS elas tem um apoio e que os filhos não serão excluídos.

3. **Outro desafio está na participação de algumas atividades do CRAS** uma vez que, de acordo com as profissionais do CRA, muitas das vezes a família ou a mãe que realmente não tem com quem deixar o filho para poder participar das atividades propostas no equipamento, porque no caso a mãe solo com a criança com deficiência sair pra trabalhar ou para participar de atividades tem que deixar o filho alguém que seja de suma confiança na sua residência para cuidar de seu filho, logo a rede de apoio sólida se mostra algo imprescindível para essas mães.
4. **As estratégias que estavam sendo utilizadas pelo profissional** assistente social no CRAS estavam pautadas na defesa e na garantia dos direitos, para assegurar que as políticas públicas sejam efetivadas e proporcione melhores condições e qualidade do serviço de quem dela necessita, no entanto havia a necessidade de aprofundamento sobre conceitos de maternidade atípica e mãe solo que contribuíssem para superar estigmas e preconceitos;

Sobre o trabalho das assistentes sociais, a pesquisa indica que:

1. **O perfil das Assistentes Sociais** entrevistadas são profissionais atuantes na área da assistência, que são mães e uma das entrevistadas durante a realização da pesquisa relatou que é mãe de um filho/a com deficiência;
2. **Em relação ao trabalho do assistente social**, os dados indicam que um dos principais desafios enfrentados é fazer com que as famílias participem das atividades que o CRAS oferece, que a Instituição não se resume a atualização do Cadastro Único, que o socioassistencial é voltado para o atendimento das famílias que estão em situação de vulnerabilidade social.
3. **Sobre as ações e estratégias** podemos destacar que os profissionais desenvolvem: visitas domiciliares, encaminhamentos, orientação, acolhimento, e o acompanhamento familiar com o intuito de fortalecer os laços comunitários, através do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e do Serviço de Convivência e Fortalecimento dos Vínculos (SCFV).
4. **A respeito das estratégias utilizadas pelos profissionais:** realizam o CRASFÉ, esse momento busca oportunizar rodas de conversas, palestras e o conhecimento acerca dos serviços oferecidos pelo CRAS, é uma forma de fazer com que os usuários participem e conheçam mais sobre a instituição

Nesta direção, podemos compreender que as mães solos e atípicas vivenciam experiências desafiadoras em seu cotidiano. Podemos enfatizar que as estratégias utilizadas pelo profissional assistente social estão pautadas na defesa e na garantia dos direitos para assegurar que as políticas públicas sejam efetivadas e proporcione melhores condições e qualidade do serviço de quem dela necessita, mas ainda falta uma compreensão mais aprofundada de termos e conceitos que colaborem ainda mais com seus processos de trabalho e na efetivação do acesso a direitos para o público atendido.

Em relação ao perfil das mães atendidas pelo CRAS União, é possível analisar que são mulheres de classe baixa, e muitas dependem do Benefício de Prestação Continuada e do Bolsa Família, por ser sua única fonte de renda. É um público que vivencia a vulnerabilidade de várias formas.

Através do estudo de Gomes (2023), foi possível ter uma apreensão do trabalho que as assistentes sociais estão desenvolvendo na Instituição, especialmente a divisão dos grupos por temáticas específicas no CRAS. A respeito das estratégias para o acolhimento das mães, utilizam o que chamam de ‘’CRASFÉ’’que é um espaço de rodas de conversas, palestras para divulgar sobre os serviços oferecidos pelo CRAS. Espaço que pode ser potencializado com o aprofundamento, compreensão e debate sobre o patriarcado e a maternagem, buscando construir coletivamente outro olhar e novas estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão aqui apresentada tem o intuito de provocar a reflexão e o conhecimento mais aprofundado sobre as particularidades das famílias e das mulheres atendidas em Equipamentos Socioassistenciais como os Centros de Referências de Assistência Social – CRAS. Como é perceptível a partir do debate teórico e da análise dos dados, são muitos os atravessamentos presentes no cotidiano dessas mulheres, desde sua casa até a chegada no CRAS e o alcance da Política de Assistência Social. Cabe por parte das assistentes sociais que atuam nestes equipamentos, um olhar mais amplo e especializado tendo condições de melhor qualificar os serviços e promover o alcance dos direitos por parte dessas usuárias e de seus filhos.



REFERÊNCIAS

BABIUK, G. A. I Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social – 2015. Famílias monoparentais femininas, políticas públicas em gênero e raça e serviço social. – 1. ed., 2015.

BORGES, Lize. Mãe solteira não. Mãe Solo! Consideração sobre a maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. Revista Direito e Sexualidade. N. 1. maio. 2020.

FÁVERO, Maria Helena. A construção social do gênero. UFPR. Curitiba: 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Economia. Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. Bahia, 2023. Disponível em: http://www.mulheres.ba.gov.br/2023/05/3718/Brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-craim-os-filhos-sozinhas.html#:~:text=Pesquisa%20feita%20pelo%20Instituto%20Brasileiro,que%20criam%20os%20filhos%20sozinhas. Acesso em: 28 mai. 2023.

JESUS, Ana Beatriz dos Santos de. Escuta psicológica para mães atípicas de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Orientadora: Ms. Renata Mikoszewski. 2023. 21 f.

GOMES, Ruth Jussara Camarão. *O trabalho do Serviço Social junto às mães solo e atípicas: desafios e estratégias das mães de filhos/as com deficiências atendidas pelo CRAS União em Parintins-AM* . 2023. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

MONTENEGRO, Rosiran Carvalho de Freitas. Mulheres e cuidados: Responsabilização, sobrecarga e adoecimento. Anais do 16º encontro nacional de Pesquisadores em Serviço Social. EMPESS. Vitória - ES: 2018.

TAMBARA, M. P., & FURLANETTO, E. C. Narrativas de mães de crianças autistas a respeito das primeiras experiências escolares na educação infantil. Revista @mbienteeducação, 2022.